

*Villon-sur-Sarthe, França*  
*29 de julho de 1714*

Uma rapariga corre como se a própria vida dependesse disso.

O ar de verão queima-lhe as costas, mas não há archotes, não há multidões enfurecidas, apenas as lanternas distantes do copo d'água, o brilho avermelhado do sol a descer no horizonte, a abrir fendas e a derramar-se pelas colinas, e a rapariga corre, com as saias a enredarem-se na relva enquanto foge em direção ao bosque, tentando ser mais rápida do que a luz moribunda.

As vozes continuam no vento, gritando o seu nome.

*Adeline? Adeline? Adeline!*

A sua sombra alonga-se diante dela — demasiado comprida, com os contornos já a esbaterem-se —, e florinhas brancas esvoaçam-lhe do cabelo, amontoando-se no chão como estrelas. Uma constelação deixada à sua passagem, quase como a que traz no rosto.

Sete sardas. Uma por cada amor que tivesse, fora o que Estele dissera, quando a rapariga ainda era nova.

Uma por cada vida que conhecesse.

Uma por cada deus que velasse por ela.

Agora, fazem troça dela, essas sete sardas. Promessas. Mentiras. Não teve amores, não viveu vidas, não se cruzou com deuses e agora já não tem tempo.

Mas a rapariga não abranda, não olha para trás; não quer ver a vida que ali está, à sua espera. Estática como um desenho. Sólida como um túmulo.

Em vez disso, corre.

*Nova Iorque*  
*10 de março de 2014*



A rapariga acorda na cama de outra pessoa.

Está ali deitada, perfeitamente imóvel, e tenta reter o tempo como uma respiração no peito; como se pudesse impedir que o relógio avançasse, evitar que o rapaz ao seu lado acordasse, manter viva a memória da noite apenas pela força de vontade.

Como é evidente, sabe que não é possível. Sabe que ele esquecerá. Esquecem sempre.

Não é culpa dele — nunca é culpa deles.

O rapaz ainda está a dormir, e ela vê os seus ombros subirem e descerem lentamente, o ponto em que o cabelo escuro se encaracola contra a nuca, a cicatriz ao longo das costelas. Pormenores há muito memorizados.

O seu nome é Toby.

Na noite anterior, disse-lhe que o seu era Jess. Mentiu, mas apenas porque não consegue dizer o seu verdadeiro nome — um dos pormenores perversos enredados na relva, como urtigas. Farpas escondidas prontas a picar. O que é uma pessoa senão as marcas que deixa para trás? Aprendeu a saltar por entre as ervas pungentes, mas há alguns cortes que não se podem evitar — uma memória, uma fotografia, um nome.

No último mês, foi Claire, Zoe, Michelle — mas, há duas noites, quando era Elle e ficaram juntos até ao fecho de um café noturno, depois de uma das suas atuações, Toby disse que estava apaixonado por uma rapariga chamada Jess — simplesmente ainda não a conhecera.

Por isso agora é Jess.